



A CONTRIBUIÇÃO DAS AULAS DIFERENCIADAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Teobaldo Gabriel de Souza Júnior¹, Lucíola da Silva Freitas², Teresinha Teixeira da Silva³, Jacqueline Liedja Araújo Silva Carvalho⁴, Marcos Aurélio Ribeiro de Sousa⁵

¹ Aluno do curso de Especialização em Ensino de Geografia. Professor Efetivo da Secretaria de Educação Básica do Ceará. E-mail: teobaldo.ebm@hotmail.com

² Professora Mestre orientadora do curso de Especialização em Ensino de Geografia da Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN.

³ Mestre em Ciências Florestais (UFCG – CSTR); Professora Efetiva da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

⁴ Pós-Graduanda do mestrado em Sistemas Agroindustriais (UFCG/CCTA); Pós-Graduanda no curso de Especialização em EJA e Ecosol no Semiárido Paraibano; Graduada em Geografia pela UFPB;

⁵ Especialista em Ensino da Língua Inglesa Universidade Regional do Cariri, URCA. Professor da FACULDADE PARAÍSO DO CEARÁ, FAP. Professor Efetivo da Secretaria de Educação Básica do Ceará. Brasil.

Recebido em: 30/09/2013 – Aprovado em: 08/11/2013 – Publicado em: 01/12/2013

RESUMO

O presente trabalho visa mostrar aos profissionais da educação, mais especificamente na disciplina de Geografia, a importância e a eficiência de aprendizagem que aulas fora do contexto tradicional podem ocasionar. Tal artigo foi embasado através de pesquisas de referências bibliográficas, além de trabalho de campo e coleta de dados em escola pública, visando demonstrar a sua consistência, tendo em vista que nestes estabelecimentos de ensino no Brasil, existe uma enorme carência tanto por parte do alunado, que já vem deficiente de outros níveis de escolaridade, quanto por parte da própria estrutura física do ambiente escolar, o que ocorre na maior parte das escolas públicas brasileiras. O objetivo da realização do estudo de caso na Escola de Ensino Médio Virgílio Távora foi entender melhor como o alunado em geral, sobretudo os do ensino médio da escola pública brasileira, percebem a importância da disciplina de Geografia, além de evidenciar o quanto este grupo de discentes demonstra e/ou reconhece o aumento do seu desempenho-rendimento de acordo com as mais variadas metodologias de se ministrar aulas. Assim, ao se realizarem diversos trabalhos de docência, os discentes participantes puderam mostrar suas preferências em relação aos mais variados tipos de aulas que podem ser ministradas objetivando que as carências citadas sejam, de certa maneira, superadas ou dribladas e que o ensino possa fluir com a qualidade e o resultado esperado, contribuindo de forma direta com a sociedade ao formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Eficiência de Aprendizagem, Trabalhos de Docência.

THE CONTRIBUTION OF DIFFERENT KINDS OF CLASSES IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS OF GEOGRAPHY

ABSTRACT

This paper aims to show to some education professionals, specifically to the teachers of Geography, the importance and efficiency of learning lessons outside the traditional context, and what they may cause. This paper was based through bibliographical references, fieldwork, and data collection in a public school in order to demonstrate its consistency, given that in these Brazilian schools, there is a huge need by students, which arrived at school without a basic formation, and there is also the need of a better structure of the school environment, this problem occurs in most Brazilian public schools. The aim of the study case in the High School *Virgílio Távora* was a better understanding of how students in general, especially the ones who come from Brazilian public schools, realize the importance Geography. It also shows how this group of students can demonstrate or recognize the increased of its performance according to various class methodologies. Thus, when performing various jobs teaching, the students participants could show their preferences in relation to a range of lessons that can be taught aiming that the deficiencies cited before, in some way, be overcome or circumvented, and that teaching process can flow qualitatively, and that it may have the expected result. All of this can contribute directly to society by forming critical citizens aware of their role.

KEYWORDS: Education, Efficiency of Learning, Jobs Teaching.

INTRODUÇÃO

Em um mundo globalizado, complexo e predominantemente capitalista que vive a humanidade, a educação-instituição, que consiste na base forte de qualquer sociedade moderna, segundo FREITAS (2010) tem apresentado atualmente diversos problemas nas suas metodologias, principalmente no tocante ao processo de ensino-aprendizagem.

Essas novas barreiras do processo de ensino-aprendizagem, marcadas, principalmente pela presença maciça das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), podem ser atribuídas primordialmente ao eventual rompimento de paradigmas bastante arcaicos que até tempos atrás rodeavam a supracitada instituição. Rompimento esse provocado, sobretudo, pela maneira como o avanço acelerado da tecnologia expõe a maioria arrasadora dos sujeitos a um fluxo muito grande de informações (PEREIRA et al., 2007).

A priori pode-se considerar que, como o grande contingente populacional está sujeito à interferência dessa torrente de informações na formação de suas opiniões, entende-se que, igualmente grande parcela do público alvo da escola, isto é, os alunos – os quais estão inseridos nesse macro contingente – também estarão sujeitos aos estímulos desse meio e é justamente nesse ponto de confluência que se procurou fundamentar o presente artigo, sobretudo quando MORAES & CABRAL (2011) lembram que, os profissionais da educação não podem negligenciar que as ferramentas tecnológicas e de informações se constituem como mais uma forma de promover a docência.

As informações oriundas dos diversos tipos de mídias das quais o alunado tem acesso (gibis, rádio, televisão, internet, etc.), bem como as diversas relações interpessoais que eles desenvolvem entre si, certamente se apresentam bem mais

tentadoras e atrativas do que o próprio ambiente escolar o que acaba por resultar em conversas paralelas o que ocorria mesmo antes da popularização de tecnologias como celulares e *tablets*, como endossa MORETTO (2012), ou seja, o que se pretende colocar é que se pudessem arbitrar entre estar em casa ou em qualquer outro local realizando qualquer outra atividade ou estar “trancafiado” na escola estudando, certamente grande quinhão dos discentes escolheriam a primeira opção. Isso nada mais é do que um reflexo do panorama do que foi argumentado acima.

Para tanto, faz-se necessário que a figura do professor-educador procure utilizar-se das mais diversificadas estratégias a fim de que o ambiente escolar se transforme, aos olhos dos discentes, em um ambiente desafiador e tentador tal qual o mundo que se apresenta diante de seus olhos através das informações que lhes chegam pelas mais variadas vias assim como coloca BASTOS (2011).

Ainda de acordo com BASTOS (2011), entende-se que a função do professor-educador seria não somente a de se valer da velha metodologia da aula arquitetada embasada nos livros didáticos e sim, além dos livros, selecionar algumas dessas mídias, ou outros recursos que tenha ao seu dispor, de forma responsável e didática, para programar sua aula objetivando que esta, que para muitos aprendizes é chata e enfadonha, torne-se um momento eficiente – do ponto de vista educativo – prazeroso, proveitoso e mágico – sob a ótica dos alunos –, o que certamente maximizaria a absorção do conhecimento por parte dos educandos e minimizaria a evasão escolar e os ruídos de aprendizagem ocasionados, por vezes, pelas próprias conversas paralelas, que em diversos momentos tornam-se mais atrativas do que as aulas tradicionais: professor diante da sala expondo assuntos.

O objetivo da realização do estudo de caso na Escola de Ensino Médio Virgílio Távora foi entender melhor como o alunado em geral, sobretudo os do ensino médio da escola pública brasileira, percebem a importância da disciplina de geografia, além de evidenciar o quanto este grupo de discentes demonstra e/ou reconhece o aumento do seu desempenho-rendimento de acordo com as mais variadas metodologias de se ministrar aulas, que vão desde as chamadas aulas tradicionais perpassando por aulas com diversos recursos tecnológicos com ou sem a interação dos educandos, até chegar às aulas de campo.

A APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE

Durante muito tempo em sua história, o ambiente escolar foi tido como o principal meio de obtenção de conhecimento, sendo a figura do professor a principal ferramenta e via para a compreensão dos saberes que eram repassados geração após geração através da publicação de livros. Com o advento das novas tecnologias produzidas pela humanidade, sobretudo as que representam sintomas da revolução técnico-científico informacional ou terceira revolução industrial, esse panorama mudou bastante colocando a tríade escola-professor-conhecimento em uma realidade quase antagônica à que se apresentava em seus primórdios (SANTOS, 1994).

A “complexidade contemporânea remeteu o professor a um mundo que requer uma aventura, uma descoberta de produtos e meios diferenciados que a tecnologia proporcionou” (MORAES & CABRAL 2011 p. 43), ou seja, lecionar não é tão simples como no passado e exige do profissional da educação muita dedicação e criatividade para atrair a atenção do alunado, para que esses não julguem a escola como um local enfadonho e pouco atrativo que quase não irá contribuir para sua

vida.

É nesse contexto que a geografia surge como, talvez, a disciplina mais flexível para a prática de metodologias diferenciadas de ensino-aprendizagem. Além dessa disciplina possuir como objeto de estudo “o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política” (BRASIL - LDB, 9394/96), ela ainda é completamente interdisciplinar tendo em vista que a mesma se utiliza de diversas outras ciências para se fundamentar e explicar suas teorias, não só as ciências “técnicas” como a Geologia, a Meteorologia e a Hidrologia, por exemplo.

Enquanto saber, a geografia já era utilizada pela humanidade mesmo antes de ser instituída enquanto ciência. Na Grécia, por exemplo, vários séculos a.C. filósofos como Eratóstenes, Heródoto, Ptolomeu já faziam uso desse conhecimento e a Estrabão se atribui o próprio peso do nome desta ciência quando este escreveu sua obra intitulada *Geographicae* e nela “descreveu diversas regiões circunvizinhas do Império Romano, sistematizando pela primeira vez [...] o espaço” (TAMDJIAN & MENDES, 2010 p. 15).

A disciplina de geografia tornou-se uma ciência autônoma a partir da segunda metade do século XIX, com as colaborações dos burgueses alemães Ritter, Humboldt e Ratzel e dos franceses Vidal de La Blache e Eliseé Reclus e é óbvio que no início de sua jornada, referida ciência não possuía as mesmas características e feições que possui atualmente justamente porque, como qualquer outro saber científico, passou por estágios evolutivos dentro da História (SILVA & RAMOS, 2008).

A ciência geográfica passou por diversas correntes até chegar às vertentes constituintes do currículo atual do ensino fundamental, médio e, até mesmo, superior especialmente a Geografia Crítica, a Geografia Humanística e a Geografia Ambiental (OLIVEIRA et al., 2008).

Dentro do âmbito do ensino básico/regular, que compreende os níveis de ensino fundamental e médio, cabe ao professor mostrar o que os assuntos abordados nessa “matéria” têm em comum com a realidade vivida pelo alunado, tornando-os conscientes e críticos, situando-os perante a sociedade como sujeitos atores de um mundo cada vez mais dinâmico (DALBEN et al., 2010).

O papel da Geografia Contemporânea

Pode-se dizer que o papel fundamental da geografia escolar contemporânea é a de conscientizar o aluno de que ele é um ser crítico capaz de provocar profundas transformações no meio que o cerca, isto é, referida disciplina tem a missão de:

aproximar o estudante de uma compreensão do mundo atual, compreender a apropriação social e cidadã dos lugares, compreender a organização e os valores do espaço geográfico – construído historicamente. (SILVA, 2010 p. 9).

Talvez hoje o grande desafio do professor dessa disciplina seja o de descobrir como chamar a atenção dos discentes para que eles tenham essa percepção e possam contribuir de uma forma mais concreta com a sociedade, afinal esse também seria o papel fundamental e principal missão da instituição escolar (BRASIL- PCNs, 2000).

Sabe-se que o conhecimento geográfico possui uma história milenar que remonta a antiguidade clássica confundindo-se com a própria história da

humanidade, e que para chegar ao patamar em que se encontra na atualidade sua visão bem como seus objetos de estudo aprimoraram-se vertiginosamente, ao passo que evoluía sistematicamente a ciência, esta deixava de ser uma matéria mnemônica detida no estudo de mapas e bandeiras e passa a ser um conhecimento rebuscado e contextualizado que explicaria de forma crítica e racional o meio em que se vive as transformações causadas pelo homem onde se passa a compreender que:

a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. (SANTOS, 2006 p. 16)

Diante do exposto, sabe-se que a técnica humana evoluiu a um patamar de tão alto nível que encontra-se em plena terceira revolução industrial, também conhecida – conforme MILTON SANTOS (1994) – por revolução técnico-científica informacional, a qual é marcada pelo uso da alta tecnologia, de uma globalização cada vez mais acelerada, de um planeta marcado pela invenção e utilização da computação, da internet, da robótica, da biotecnologia e da nanotecnologia entre outros, o que acaba pondo diante dos discentes um mundo que se torna a cada dia mais acelerado, dinâmico, intenso e mutável, e que, por consequência, vai ensejar do profissional da educação uma *práxis* cada vez mais diferenciada pautada nas bases de uma inovação constante espelhada na realidade contemporânea vivida cotidianamente.

MATERIAL E MÉTODOS

Para auxiliar no processo de construção e embasamento deste artigo, buscaram-se informações já publicadas sobre o assunto nas mais diversas fontes, além da realização de estudo de caso estatístico viabilizado por uma pesquisa de campo materializada através da aplicação de um questionário realizado com alunos de três salas distribuídas em um primeiro ano, um segundo ano e um terceiro ano do ensino médio da instituição pública de ensino: Escola de Ensino Médio Virgílio Távora, localizada na cidade de Barbalha-CE, dando ênfase à disciplina de geografia, tendo em vista que tal ciência é principal objeto de estudo enfocado.

A Escola de Ensino Médio Virgílio Távora, esta localizada na Av. Dr. Paulo Maurício Sampaio, 326, Bairro Vila Santo Antônio na cidade de Barbalha-CE. O Referido colégio pertence à rede estadual de ensino público do Ceará, estando vinculado à Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE) e sob a supervisão da 19^a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (19^a CREDE).

Na escola foram realizadas entre os anos de 2010, 2011 e início do ano letivo de 2012 diversas aulas de geografia utilizando práticas desde as mais tradicionais até aquelas tidas como diferenciadas: aulas de campo, aulas utilizando recursos áudios-visuais como músicas, filmes, mapas, maquetes etc., dinâmicas e recursos multimídia como internet e *data-show*. Assim pôde-se aplicar um questionário voltado para turmas que já tem vivência e conhecimento das aulas usuais e das aulas com “inovações”.

As turmas selecionadas para a aplicação da avaliação do estudo de caso estavam regularmente matriculadas no ano letivo de 2012 no turno matutino nas

turmas 1º “A”, 2º “A” e 3º “A”, sendo participantes do questionário, respectivamente 41, 31 e 34 alunos, perfazendo um total global de 106 discentes que auxiliaram na pesquisa. Dentre os quesitos avaliados estão perguntas referentes ao gosto pela disciplina de geografia, a facilidade de se aprender a referida matéria, o quanto aulas diferenciadas ajudam na aprendizagem, quais os recursos que mais auxiliam na aprendizagem – os quais vão desde a aplicação de aulas tradicionais, passando pela música, vídeos, aulas de campo, etc. –, se a disciplina é importante e como ela pode auxiliar os discentes a mudarem sua condição social e a maneira de conceber o mundo.

RESULTADOS

Os alunos tiveram oportunidades de vivenciar aulas diferenciadas entre os anos de 2010, 2011 e início do ano letivo de 2012 na disciplina de geografia, foram utilizadas práticas desde as mais tradicionais até aquelas tidas como diferenciadas, conforme mostra a Figura 1. Assim pôde-se aplicar um questionário voltado para turmas que já tem vivência e conhecimento das aulas usuais e das aulas com “inovações”.



FIGURA 1 – Aulas diferenciadas na disciplina de geografia

Fonte – SOUZA JÚNIOR, T.G. 2011

A figura 1 apresenta as diversas práticas utilizadas nas aulas de geografia no supracitado estabelecimento público de ensino entre os anos de 2010, 2011, como aulas de campo, aulas utilizando recursos áudios-visuais, aulas com dinâmicas e recursos multimídia como internet e *data-show*.

Na primeira pergunta, se o aluno gosta da disciplina, obteve-se o seguinte resultado de acordo com a demonstração da Figura 2.

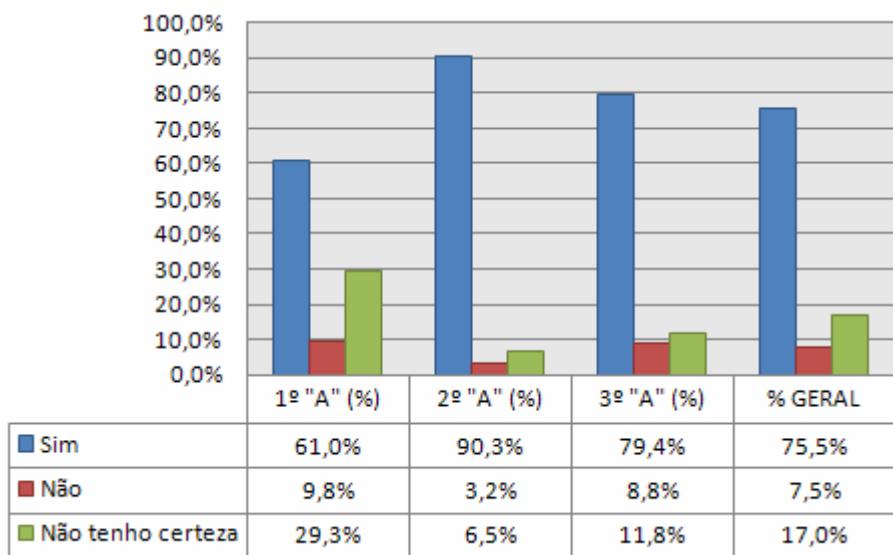


FIGURA 2 – Você gosta de geografia?

De acordo com os dados apresentados na Figura 1 o alunado tem uma preferência favorável à matéria de geografia, já que 75,5% confirmaram que tem alguma afinidade com a disciplina, 7,5% não gostam e 17,0% não tem certeza se gostam. Quando analisados separadamente os resultados obtidos por série de ensino, percebe-se que o dado mais alarmante é o do 1º “A”, tendo em vista que nesta série ocorreu o maior número de alunos que não gostam da disciplina (9,8%) ou que não tem certeza se gostam (29,3%). Acredita-se que uma boa parte desse resultado deve-se a pouca maturidade dos alunos, uma vez que, no período de aplicação do questionário – maio de 2012 – estes eram recém chegados do ensino fundamental.

Sobre a facilidade de aprender a disciplina de geografia os resultados obtidos foram: 64,2% dos 106 alunos questionados responderam que tem certa facilidade de assimilar os conteúdos ministrados em geografia, os valores dos alunos que não tem tanta facilidade e dos que não tem certeza são respectivamente de 16% e 19,8% o que somou 35,8% e em números absolutos, representa um total de 38 alunos.

Ao comparar o resultado geral com os valores percebidos nas séries separadamente, vê-se que novamente o 1º “A” sobressai na média total de alunos que tem ou não tem facilidade em aprender a disciplina (26,8%) ou que não tem certeza (19,5%) juntos, somaram 46,3%, logo, bem acima da média geral que foi de 16,0% nos que não tem facilidade de aprender geografia e de 19,8% nos que não tem certeza, o qual mesmo sendo maior do que o dado dos incertos no 1º “A” apresenta, juntamente com o anterior, uma soma de 35,8%. Os dados obtidos nesse ponto da pesquisa estão representados conforme a Figura 3.

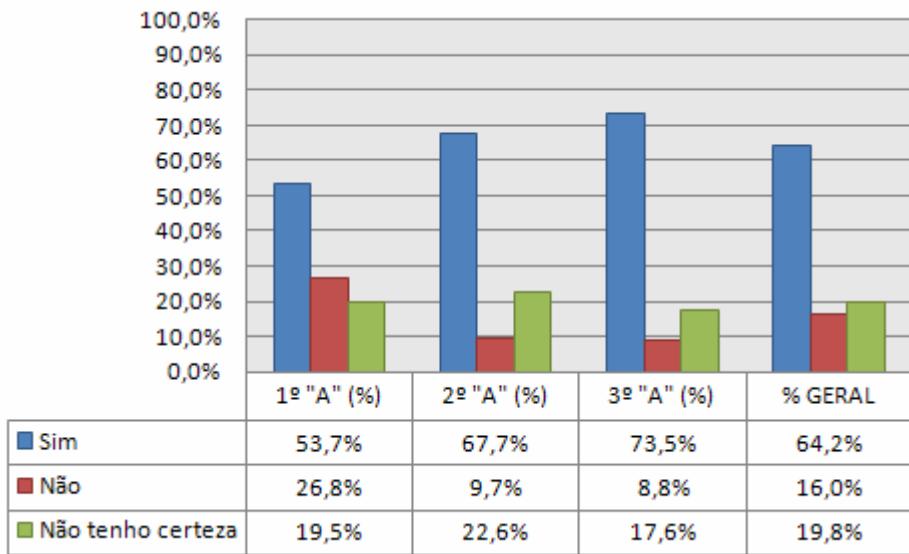


FIGURA 3 – Tem facilidade em aprender geografia?

Ao avaliar as aulas diferenciadas, isto é, se aulas que utilizam os mais variados recursos didáticos, auxiliam no processo de ensino-aprendizagem os resultados obtidos foram satisfatórios, de uma maneira geral a maioria dos alunos acreditam que aulas diferentes podem auxiliar no processo de absorção e retenção do conhecimento.

Na média total apresentada na Figura 04, 96,2% dos 106 alunos manifestaram que aulas diferenciadas auxiliam na aprendizagem, somente 3,8% não tem certeza e nenhum, de todos os entrevistados nas três turmas, respondeu que aulas diferenciadas não podem ajudar na aprendizagem de geografia.

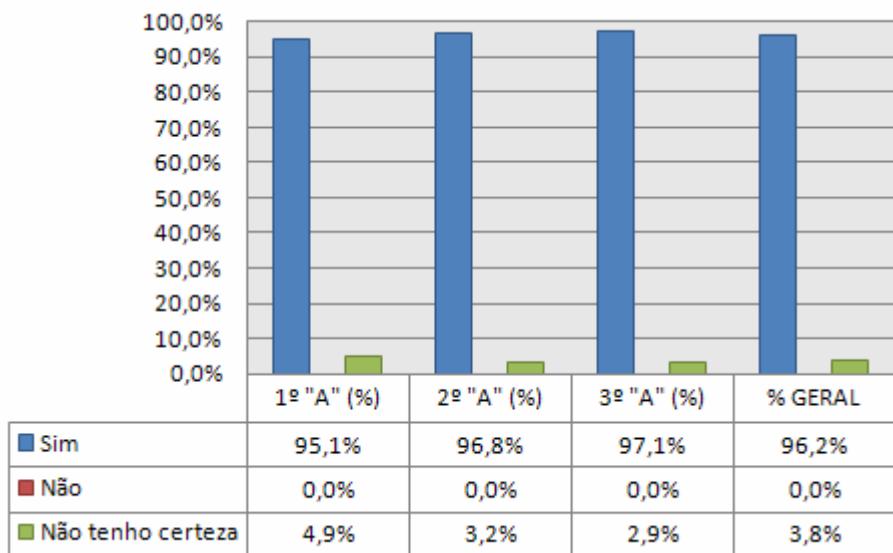


FIGURA 4 – Aulas diferenciadas ajudam na aprendizagem?

Em relação as ferramentas e/ou modelos de aulas que o alunado acredita ser mais eficazes no processo de aprendizagem da geografia, os resultados obtidos encontram-se descritos na Figura 5.

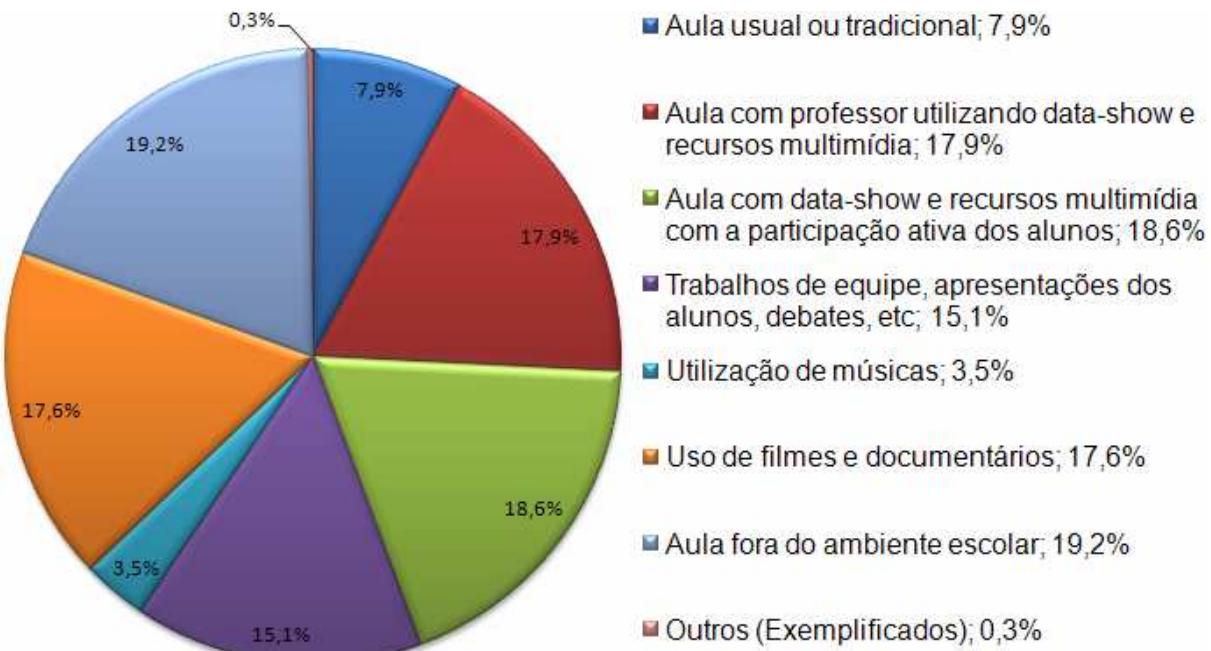


FIGURA 5 – Quais os tipos de aula que mais auxiliam na aprendizagem?

A Figura 5 mostra informações a cerca da preferência dos alunos em relação aos tipos de aulas ministradas. Boa parte dos alunos reconhece a importância das aulas tradicionais, pois, das escolhas possíveis 7,9% acreditam que as aulas tradicionais também são importantes no repasse do que se deseja que seja aprendido. As possibilidades que mais figuraram entre as possíveis respostas dos alunos foram: aulas fora do ambiente escolar, aulas com *data-show* e recursos multimídia com a participação ativa dos alunos e aulas com professor utilizando *data-show* e recursos multimídia figurando com, respectivamente, 19,2%, 18,6% e 17,9% das respostas possíveis.

Em relação à resposta “outros” apenas um aluno se manifestou colocando que deveriam existir mais “excursões”, colocação que, acredita-se, já estar incluída na opção “aula fora do ambiente escolar”, porém, como o quesito era de livre interpretação, acatou-se a resposta e incluiu-se a mesma no *ranking* para que fosse construída a Figura 5 em questão.

No quesito “você acha a disciplina de geografia importante?”. Além das respostas objetivas para se montar a Figura 06 também foi sugerido aos discentes que colocassem o porquê de acharem ou não a disciplina de geografia importante. Com relação às respostas objetivas desse quesito o resultado obtido está descrito na Figura 06.

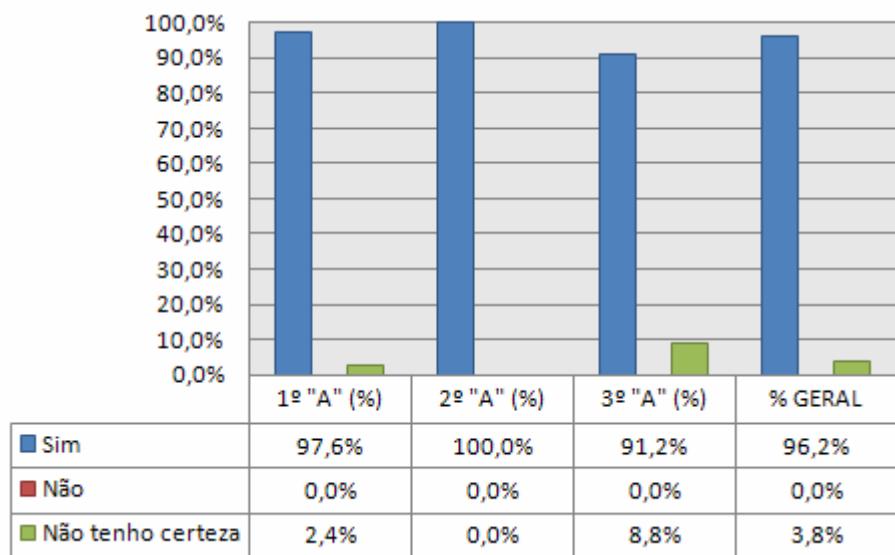


FIGURA 6 – Geografia é importante?

Conforme ilustrado acima, mais um dado importante é revelado, pois, observa-se na Figura 6 que novamente, 96,2% dos discentes entrevistados acreditam que o ensino de geografia é importante. Nenhum acredita que a geografia não tem importância e apenas 3,8% não tem certeza da importância desta disciplina. É interessante olhar para o resultado isolado do 2º ano, onde 100% dos alunos acreditam na importância desta disciplina.

Neste mesmo quesito, havia uma parte em branco a fim de que os alunos discorressem sobre o seu entendimento da importância do conhecimento geográfico. A maioria destacou principalmente o caráter mais funcional da mesma como uma matéria cobrada no vestibular e, por consequência, essencial para a aprovação neste teste, porém, destacam-se, também, algumas colocações interessantes como é a ciência que “estuda o espaço em que vivemos”, “nos mostra como é o mundo em que vivemos” e é uma disciplina que nos dá “uma visão crítica sobre certos assuntos”.

A última pergunta da pesquisa questiona se os alunos acreditam que os conhecimentos adquiridos na disciplina de geografia podem auxiliá-los na mudança de sua realidade, ou seja, se acreditam que tal conhecimento pode ajudá-los a mudar de vida. Além das respostas objetivas foram colocados também espaços em branco para que os alunos pontuassem as suas opiniões. De acordo com as respostas obtidas infere-se que a maioria dos alunos acredita que os conhecimentos adquiridos na disciplina podem sim modificar sua realidade. Os resultados obtidos estão expressos na Figura 7.

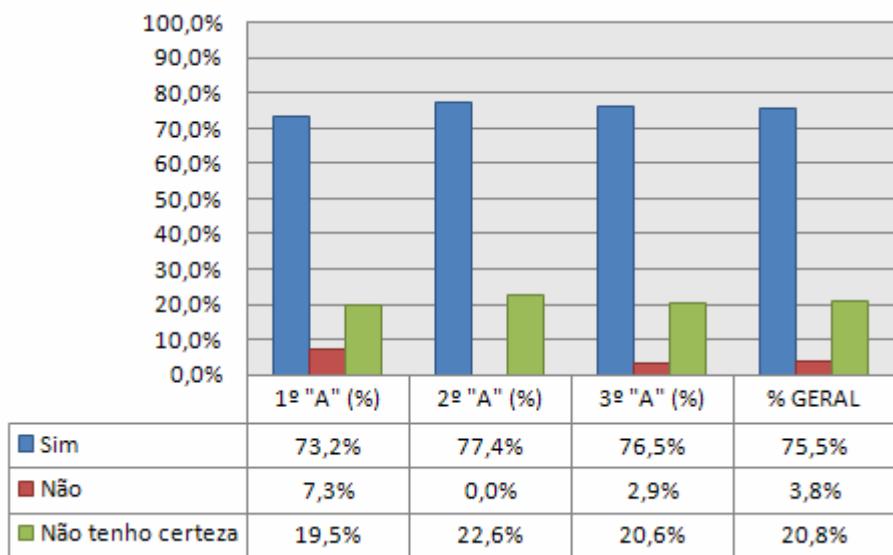


FIGURA 7 – A geografia pode mudar a sua vida?

De uma maneira geral 75,5% dos participantes da pesquisa acreditam que, o ensino de geografia pode fazê-los mudar de vida, ou progredir de alguma maneira, 3,8% acreditam que não e 20,8% não tem certeza. Assim como no quesito anterior, esse último também apresentava pautas em branco para que os alunos que quisessem, pudessem justificar suas respostas. Todos os que responderam que “não” ou que “não tem certeza” não apresentaram justificativas, já entre os que manifestaram suas opiniões a preocupação com o vestibular novamente esteve em alta, contudo figuraram algumas colocações interessantes e diferenciadas como o que se aprende com a geografia pode ajudar a “formar melhor as nossas próprias opiniões e compreender melhor o espaço e o sistema em que vivemos”, que a disciplina muda a “maneira de pensar e ver o mundo” e que a disciplina “nos torna mais críticos para [enfrentar] a nossa vida cotidiana”.

DISCUSSÃO

É notável a preocupação dos docentes atualmente em fazer com que suas aulas tenham um rendimento elevado, sobretudo aqueles que realmente almejam dar a contribuição efetiva para com a sociedade formando cidadãos críticos e atuantes. Certamente a presente pesquisa não é inédita no campo do estudo do ensino de geografia, porém buscou-se com a mesma diagnosticar da forma mais direta possível a maneira com que os discentes concebem a disciplina, o ensino e o saber geográfico e como estes acreditam que podem melhorar seus rendimentos e a sua própria cidadania.

É de conhecimento comum que a sociedade encontra-se em um elevado patamar tecnológico e que essa tecnologia, inserida no cotidiano da população, representa um desafio para que os docentes possam intercalá-los com seus métodos de sala de aula. Essas tecnologias que vão desde as mais simples como a televisão que “hoje é considerada o principal meio de comunicação de massa, porque é ela quem atinge a maior quantidade de público e também quem mais o influencia”, BASTOS (2011 p. 47) até as mais sofisticadas como o GPS (sigla do inglês *Global Positioning System* que designa o Sistema de Posicionamento Global

em sua tradução para o português), o qual, conforme HOFFMANN & RAFFO (2011 p. 13), deve estar “em pouco tempo [...] incorporado aos materiais didáticos do professor de geografia, assim como o mapa e o globo terrestre”.

Muitas são as propostas de outros pesquisadores que incentivam o uso das informações e notícias apresentadas na televisão e/ou críticas e estudos sobre músicas e produções cinematográficas (BASTOS 2011), utilização de softwares como o *Google Earth* na produção de mapas e na localização dos lugares vivenciados pelo alunado para que estes aprendam conceitos e a importância da cartografia (NASCIMENTO JÚNIOR, 2011), utilização do próprio *GPS* em atividades lúdicas como “rouba bandeiras” ou “caça ao tesouro” onde, “brincando”, os alunos podem aprender sobre coordenadas geográficas (TUPY, 2011) e, até mesmo, nas escolas mais desprovidas de recursos financeiros, a própria confecção de materiais didáticos complementares que podem auxiliar no processo ensino-aprendizagem como maquetes e globos terrestres (ANTONIO FILHO, 2010).

A respeito do uso das chamadas geotecnologias como o já citado *GPS*, o *Google Earth*, o *GIS* (*Geographical Information System*) e seus similares, CORREIA et al., (2010) realizaram uma pesquisa com 46 alunos distribuídos entre escolas públicas e privadas da cidade de Maringá-PR a cerca do conhecimento e da utilização destas ferramentas. A pesquisa revelou que 100% dos alunos entrevistados conhecem o *Google Earth*, no entanto um percentual de apenas 10,8% sabem o que é ou fazem uso das geotecnologias em sala de aula, o que evidencia que poucos professores utilizam este tipo de ferramenta em suas aulas. Além disso, ficou evidenciado na pesquisa acima que nenhum dos alunos faz uso do *GPS* ou de *GIS*.

Também na mesma linhagem de pesquisa sobre diversas ferramentas e táticas para ampliar a eficácia do processo ensino-aprendizagem de geografia, PEIXOTO & CRUZ (2011) realizaram pesquisa com 91 estudantes do 3º ano do ensino médio distribuídos entre Escolas públicas, uma de Ensino Regular e outra na modalidade EJAM (Escola de Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio), localizados na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, tentando evidenciar a importância da leitura e da interpretação de gráficos na disciplina de geografia, bem como apontando as carências de leituras e de interpretações que os discentes apresentam quando se deparam com esse tipo de ferramenta, que é indispensável para o conhecer do mundo atual.

No trabalho de CAVALCANTE & FARIA (2010), é discutido o aspecto da importância das novas tecnologias no ensino de geografia, sobretudo quando há a necessidade de se *linkar* os conhecimentos globais com os conhecimentos locais. Nesse trabalho os autores discutem como a geografia reproduzida em sala de aula de forma quase sempre arcaica e desconexa, pode ser transformada aos olhos dos discentes quando os mais variados meios de comunicação e as tecnologias “novas” (computador e internet) e “velhas” (aparelhos de som, televisão, etc.) podem ser utilizadas para explicar o que os conteúdos abordados nos livros didáticos têm em comum com a realidade vivida pelo alunado.

A inovação nem sempre é uma tarefa fácil, exige muita criatividade e dinamismo de qualquer profissional em qualquer campo de trabalho. Obviamente não seria diferente o caso do profissional da educação, sobretudo porque este tipo de trabalhador lida diretamente com a mais fascinante das matérias existentes: a mente humana. É justamente por isto que a presente pesquisa buscou, de certa forma, nortear o trabalho dos professores, especificamente os de geografia, essa

disciplina tão complexa e grandiosa, para que estes entendam como o alunado concebe esta ciência, para que, a partir daí as aulas sejam planejadas com a função de educar e de fazer com que seja despertada na sala de aula a noção de cidadania plena.

Diante do panorama refletido, coloca-se que tal trabalho não pretende ter um fim em si mesmo, mas procurou-se ter a função de elucidar quais as táticas de ensino que podem surtir os maiores efeitos possíveis de acordo com o próprio ângulo de visão dos aprendizes, os quais foram instruídos a responderem com a maior seriedade e franqueza possível. É evidente que os múltiplos enfoques apresentados sobre o mesmo tema demonstram a sua complexidade e o interesse de diversos professores-pesquisadores em atingir o alvo principal: maior rendimento da aprendizagem para que os alunos possam transformar sua maneira de conceber e construir a realidade vivida e, por conseguinte, o mundo.

CONCLUSÃO

75% dos alunos gostam da disciplina de geografia, 8% não gostam e 17% não têm certeza.

16% dos alunos dizem não ter facilidade de aprendizagem da disciplina de Geografia e 20% não tem certeza de a possuírem.

96% dos educandos colocaram que aulas diferenciadas com uso de métodos mais inovadores como: *data-show* e recursos multimídias, utilização de músicas, aulas de campo, etc., contribuem para um melhor aprendizado.

19,2% dos alunos preferiram “aulas fora do ambiente escolar”, ou seja, preferem aprender geografia fora da sala de aula.

96% dos alunos acreditam que a disciplina de Geografia é importante e 75% creem que o estudo dessa disciplina pode, de alguma forma mudar sua via e condição social.

REFERÊNCIAS

ANTONIO FILHO, F. D. Geografia na prática: técnicas para a produção de material de ensino. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 33, p. 36-43, 2010.

BASTOS, A. P. Recursos didáticos e sua importância para as aulas de geografia. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 37, p. 44-51, 2011.

BRASIL. **Lei Federal nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acessado em: 16 mai. 2012.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: **MEC; SEMTEC**, 2002. 360p.

BRASIL, Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação

Integral. – Brasília: **MEC, SEB, DICEI**, 2013.542p.

CAVALCANTE, T. V.; FARIAS, J. F. Do local ao global: a utilização de tecnologias como ferramentas mediadoras do processo de aprendizagem na Geografia. **Revista Espaço Acadêmico**, n.109, p.89-94, 2010.

CORREA, M. G. G, et. al. Os avanços tecnológicos na educação: o uso das geotecnologias no ensino de geografia, os desafios e a realidade escolar. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, PR, v.32, n.1, p. 91-96, 2010.

DALBEN, A. I. L.F. et al.(org.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 818p.

FREITAS, J. L. A crise na educação moderna segundo Hannah Arendt. **Griot – Revista de Filosofia**. Amargosa, BA: UFRB, v.2, n.2, 2010.

HOFFMANN, M.; RAFFO, J. GPS e sua importância nas atividades da geografia. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 35, p. 10-13, 2011.

MORAES, I. I. G.; CABRAL, D. T. da S. Geoconexão: práticas educativas contemporâneas pautadas pela tecnologia, em consonância com o conhecimento construtivo, ético e social, são aliados do ensino da geografia. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 35, p. 42-47, 2011.

MORETTO, T. C. **Revista Ponto Com**. O que distrai os alunos?, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.revistapontocom.org.br/materias/conversa-paralelas-celulares-bilhetinhos>>. Acesso em 21 abr. 2012.

NASCIMENTO JÚNIOR, A. A ciência dos lugares decifrada pelo Google Earth. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, SP, Escala Educacional, n. 37, p. 52-59, 2011.

OLIVEIRA, M. M.; et. al. O meio ambiente na geografia crítica e na geografia humanística: desafios metodológicos para uma didática reflexiva do espaço na escola. **Revista de Geografia**. Recife, PE: UFPE – DCG/NAPA, v. 25, n. 3, set/dez. 2008

PEIXOTO, A. M. D.; CRUZ, E. O desafio do trabalho com gráficos no processo ensino-aprendizagem de geografia. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 13, n. 3, p. 127-168, 2011.

PEREIRA, A. S.; et. al. O Processo de Aprendizagem sob a perspectiva da tecnologia da informação: a visão dos multiplicadores da voar linhas aéreas na utilização do ensino à distância. In: **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - SeGET**, 2007, Resende, RJ.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção – 4. ed. 2. reimpr. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 2006.

259 p. (Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo, SP: Hucitec. 1994. 190 p.

SILVA, J. M. **Didática Aplicada à Geografia**. Brasília: CESPE/UnB, 2010. Curso de formação para professores, referente à 3^a fase do concurso da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE).

SILVA, N. J. C.; RAMOS, Q. F. A. Breve histórico da evolução do pensamento geográfico. **O imparcial**, p. 4, caderno de opinião, São Luís, MA, 25 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/breve-historico-da-evolucao-do-pensamento-geografico/49089/>>. Acessado em: 27 mai. 2012.

TAMDJIAN, J. O.; MENDES, I. L. **Geografia**: Estudos para a compreensão do espaço. São Paulo, SP: FTD. v.2, 432p, 2010.

TUPY, F. Atividades lúdicas com o uso do GPS. **Conhecimento Prático Geografia**, São Paulo, Escala Educacional, n. 35, p. 14-15, 2011.